

## reportagem cultural

# Caminhos literários

Rafael Gloria \*

Quando foi que Caio Riter descobriu a leitura e a escrita? Vindo de uma família numerosa (é o mais novo de sete irmãos) e de poucos recursos, ele lembra do pai lendo os populares *pulp fictions*. “Eram histórias de espionagem, recorde histórias de uma personagem chamada Brigitte Montfort”, diz. A irmã mais velha, por sua vez, trazia para casa as fotonovelas, narrativas visuais de romances dramáticos. “Era uma espécie de gibi, com narrativas amorosas.” A essas primeiras lembranças, somam-se os quadinhos trocados com amigos.

No Ensino Fundamental, um episódio marcante aconteceu na escola pública do bairro onde morava, na Zona Norte de Porto Alegre. “A professora chamou alguns alunos em frente à turma e disse que eram os melhores alunos daquele ano.” Entre eles, estava Riter. Como prêmio, recebeu um livro. “Foi o livro da minha infância, o que eu tinha em casa.” O título: *As Aventuras em Gatópolis*.

Foi na biblioteca da escola, alguns anos mais tarde, que ele se deparou com um encontro decisivo ao conhecer a literatura de

Agatha Christie. “A partir disso, eu acredito que eu me tornei leitor mesmo, de ter a necessidade de estar com o livro sempre por perto”, diz. Para explicar essa virada, ele recorre a uma ideia da escritora Marina Colasanti. “Ela fala que a gente se torna leitor quando encontra um grande livro.” Não se trata, ressalta, de um critério objetivo de qualidade, mas de experiência. “é um livro que vai se tornar grande pra ti, porque tu vais ter uma experiência de leitura com ele que tu vais, depois, querer repetir”.

A escola foi importante para sua formação. “Sempre gostei de estudar. Era aquele aluno que chegava em casa e fazia os temas. Era uma criança tímida. Eu acho que a timidez, muitas vezes, te convida para a leitura também. Essa coisa de não se sentir muito acolhido pelo universo que te cerca”, diz. Para ele, nesse espaço a literatura pode ganhar força. “A descoberta da leitura fez isso: mostrou que o mundo era maior e que uma vida é pouca pra você viver tudo que



Caio Riter: ‘A literatura me mostrou que uma vida é pouco para você viver tudo que ela pode oferecer’

ela poderia te oferecer, então a literatura te apresenta essas outras possibilidades”, aponta.

O caminho para a universidade demorou a se desenhar. “Eu venho de uma realidade em que não se pensava em fazer faculdade”, afirma. Entre colegas, concluir o Ensino Médio já significava encerrar os estudos. Com ele, não foi diferente, ao menos no início. Chegou a se matricular em um cursinho pré-vestibular, mas desistiu rapidamente.

Seguiu-se um intervalo de cinco anos, onde se dedicou a tra-

balhar. A retomada veio por acaso, mediada por uma amiga. “Ela disse que o irmão dela ia voltar a estudar e que a gente podia fazer companhia um para o outro.” Riter aceitou. Depois de um ano e meio de cursinho, ingressou simultaneamente em dois cursos: Jornalismo e Contabilidade, área em que trabalhava na época. Mas a experiência na área das exatas durou pouco. “Continuei Jornalismo e comecei a fazer cadeiras na Letras também”. O trajeto universitário não seguiu a linha reta. Depois de concluir o Jornalismo, fez uma

pausa. Ao retornar, decidiu investir de vez em Letras. Concluiu a graduação e seguiu para o mestrado na Ufrgs.

Ao fim do mestrado, não seguiu diretamente para o doutorado. Foram dois anos até retomar o projeto acadêmico, período em que atuou como professor substituto. “Hoje as pessoas engatam uma coisa na outra”, observa. “E eu não tive pressa.” Mais recentemente, concluiu um pós-doutorado em Escrita Criativa, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 2019.

## Escrevendo para crianças e jovens

MARCOS NAGELSTEIN/ARQUIVO/JC



Em frente a uma das bancas da área infantojuvenil da Feira do Livro de Porto Alegre, em 2011

Ao falar sobre sua entrada na literatura infantil e juvenil, Caio Riter descreve um processo que vai além da adaptação de linguagem. “Quando se escreve para a infância, a teoria diz que existe um processo de assimetria, porque há um autor adulto, na grande maioria das vezes, escrevendo para

um leitor criança.” Essa distância entre quem escreve e quem lê exige, segundo ele, um exercício de desprendimento. “O autor vai ter que se despir, na verdade, de toda a sua cosmovisão de mundo”, diz. Mais do que simplificar, é preciso recalibrar o olhar. Para ele, o texto literário, independentemente do

público, é sempre formativo, não por transmitir lições, mas por ampliar a capacidade de empatia. Ao colocar o leitor no lugar do outro, seja em termos de gênero, cor ou idade, a literatura cumpre um papel essencial na construção de uma visão mais complexa do mundo.

No caso da infância, essa dimensão ganha contornos específicos. A linguagem precisa ser pensada em termos de extensão, ritmo e imagética, mas sem abrir mão da liberdade criativa. “A literatura para a infância tem que ser um espaço de imaginação, de fantasia, sem doutrinação”, resume. Esse equilíbrio, no entanto, é constantemente tensionado. “Nós, escritores, passamos por diferentes censuras”, diz. A primeira delas, ele diz, é a autocensura, especialmente forte quando o autor pensa no ambiente escolar, principal mediador de leitura. Depois, vêm os limites impostos pelo mercado editorial e, por fim, a recepção do público.

Mesmo assim, Riter defende que não há temas proibidos.

“Na minha concepção, tudo pode ser tocado, tudo pode ser falado”, afirma. A diferença está na forma. Questões difíceis, como morte ou separação, também fazem parte da experiência das crianças e podem ser elaboradas pela literatura.

A professora da área de Letras do IFRS, Ana Paula Cecato, diz que Riter, sobretudo quando os textos são endereçados ao leitor jovem, traz uma abordagem de temas sensíveis sem comprometer a linguagem literária. “A subjetividade das personagens é explorada de forma esférica, o leitor identifica-se com seus afetos e seus desamparos, e tem a compreensão de como estão inseridas (ou deslocadas, muitas vezes) de seus espaços de socialização e de formação humana (escola, família, por exemplo)”, diz.

Ao diferenciar a escrita para crianças e jovens, Caio Riter aponta mudanças que envolvem tanto a forma quanto o foco narrativo. No caso da infância, ele destaca textos mais curtos e maior abertura à imaginação. “Os personagens,

nesse universo, costumam ser mediadores da experiência infantil: personagens que representam a criança, como animais e brinquedos”, aponta. Em sua própria obra, isso se confirma ao trazer esses personagens.

Já na literatura juvenil, a distinção aparece no tipo de história contada. Riter propõe duas linhas: uma centrada na ação, “em que tudo acontece fora do personagem”, como nas narrativas de aventura; e outra, que lhe interessa mais, voltada à interioridade. Nesse caso, o ponto de partida é subjetivo: “qual é a dor do meu personagem, qual é o problema dele?”. Essa escolha resulta em textos mais densos, que exigem identificação do leitor. “Ele lê aquilo e pensa: ‘poxa, eu me vejo representado nesse personagem’”. Por isso, seus livros para jovens tendem a ser “mais pesados ou mais realistas do que o texto para a infância”, marcando uma transição para conflitos internos mais complexos.